

A JUDÉIA ROMANA À LUZ DE TRÊS “INVARIANTES HISTÓRICOS”: RESISTÊNCIA, TOLERÂNCIA E INTOLERÂNCIA

Prof. Mestrando Jorwan Gama da Costa Junior (PPGHC – LHIA – UFRJ)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Norma Musco Mendes

Este artigo é fruto da pesquisa *A inaplicabilidade do conceito de romanização na Judéia entre os séculos I a.C. e II d.C.* desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada sob a orientação da Prof^a Dr^a Norma Musco Mendes. Como a pesquisa se encontra ainda em sua fase inicial, e objetivamos aqui apresentá-la, focaremos este trabalho sobre três conceitos básicos para o entendimento das relações entre romanos e judeus na Judéia entre os séculos comentados: resistência, tolerância e intolerância. Sendo assim, analisaremos aqui dois trechos de Flavio Josefo em sua obra “*Guerra dos Judeus contra os romanos*” que nos relatam os atos de Pompeu e dos judeus no ano de 63 a.C. durante a invasão do Templo de Jerusalém pelos romanos. Antes da análise, porém, faz-se adequada uma breve apresentação da pesquisa referida.

A inaplicabilidade do conceito de romanização na Judéia entre os séculos I a.C. e II d.C. tem como objetivo geral compreender as dificuldades encontradas pelos romanos para consolidar o processo de dominação imperial na Judéia, enfocando nos conflitos que geraram uma posição quase imutável de resistência dos judeus ao domínio romano. O que evidencia nosso pressuposto de que não podemos falar em romanização na Judéia entre os séculos I a.C e II d.C.

À primeira vista, trata-se de uma pesquisa de cunho político, uma vez que as relações de dominação entre povos geralmente são tratadas como tal. Contudo, o imperialismo romano permitiu um contato cultural entre Roma e outros povos que enriquece e permite que seu estudo seja direcionado a uma abordagem mais cultural, sem perder o foco político. Afinal, a romanização é fruto da política imperialista romana; e enquanto esta expandia os limites geográficos do Império, aquela tinha como objetivo aumentar as fronteiras culturais do mesmo. Para isso, a romanização utilizava-se de uma série de mecanismos que envolviam as guerras, a cooptação das elites locais e a negociação. Contudo, a região conquistada apresentava uma população nativa que apresentava formas de resistências diversas. Desse modo, temos um entrelaçamento cultural²⁶ que acarretará uma série de mudanças em ambas as culturas envolvidas, podendo até mesmo levar a futuros problemas identitários e a criação de novas identidades, por vezes híbridas.

Fica clara a íntima relação entre imperialismo romano e identidades na pesquisa, cuja hipótese de trabalho sustenta a teoria de que a formação identitária judaica era inadaptable à formação romana, impedindo que o processo de dominação imperial fosse completado.

Por isso, fazemos uso da idéia de Marc Augé de que a formação identitária dos povos é marcada pela alteridade cultural. Em outras palavras, com base no outro, nós definimos aquilo que somos e o que não somos formando assim nossa identidade²⁷. Sobre a identidade, podemos ainda acrescentar a contribuição de Stuart Hall que a vê como uma série de significados transmitidos ao sujeito através da cultura. Esses significados permitem que o indivíduo se situe no mundo e possa se ver como membro de uma comunidade, criando com essa uma sensação de identidade e lealdade, que também poderiam ser internalizados no homem através da religião, conforme é visto no caso dos judeus.

²⁶ O *entrelaçamento cultural* a que me refiro nada mais é do que a idéia de “experiências divergentes” de Edward Said. Um choque entre culturas supõe-se um choque entre dois sistemas culturais divergentes, com características próprias, que devem ser estudados separadamente e de forma profunda, levando em conta que ambas as culturas interagem entre si. Para ver mais: SAID, E. W. **Cultura e Imperialismo**. SP: Cia. das Letras, 1995.

²⁷ AUGÉ, M. **O sentido dos outros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

Quando dois povos com identidades culturais diferentes encontram-se, reações emergem de ambos os lados, como é o caso dos romanos e dos judeus, cujos laços de lealdade e identidade eram formados por uma base político-jurídica e outra religiosa, respectivamente. É neste momento que chegamos aos conceitos de resistência, tolerância e intolerância, que permitirão que nossa análise do processo de dominação imperial na Judéia seja feita com base na comparação.

Comparação esta que será possível graças às contribuições de Paul Veyne e seus invariantes históricos, que nada mais são que conceitos que, apesar de utilizados em contextos diferentes, não apresentam alterações sua forma morfológica, mas sim uma grande diferenciação em sua semântica. Dessa forma, os invariantes de Veyne permitem analisar as peculiaridades dos fatos históricos, que não deixam de apresentar sua faceta singular apesar de sua análise ser feita com uma profunda contribuição sociológica.²⁸

Sendo assim, podemos analisar o processo de dominação imperial romana na Judéia tendo por base as diferentes formas de resistência, tolerância e intolerância manifestadas na região. Isto posto, nossas questões estão diretamente relacionadas a esses conceitos, e algumas delas são: Quais foram os tipos de resistência que os judeus apresentaram aos romanos? Em quais aspectos as resistências apresentadas por saduceus, fariseus e essênios se diferenciam? Há períodos em que essa resistência sofre uma diminuição de sua intensidade? Já para a tolerância, podemos nos perguntar o seguinte: Em quais períodos os romanos foram tolerantes com os judeus? Quais os motivos que estavam por trás dessa tolerância? Sua tolerância significava um respeito à alteridade, uma incapacidade de absorver a cultura judaica ou uma forma de manter a estabilidade da região? Os atos de intolerância podem ser vistos como um atestado de incapacidade dos romanos em lidar com a especificidade da cultura judaica?

Como já foi comentado antes, focaremos aqui nos pontos de resistência, tolerância e intolerância. Para tratar da resistência selecionamos um trecho de

²⁸ VEYNE, P. *O inventário das diferenças*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Flavio Josefo, onde o historiador comenta a entrada de Pompeu no templo de Jerusalém.

Por fim de três meses de cerco, durante o qual os romanos puderam destruir uma torre, Pompeu tomou o Templo de assalto. (...) Vários dos sacerdotes que estavam ocupados nas funções de seu ministério, viram-nos sem se assustar vir de espada na mão; preferindo o culto de Deus à própria vida, deixaram-se matar continuando a oferecer o incenso e as adorações que lhe são devidas (grifo nosso). Os judeus do partido de Pompeu não pouparam nem aos da própria nação, que tinham seguido a Aristóbulo, e a maior parte dos que escaparam ao seu furor, ou se precipitaram do alto dos rochedos ou puseram fogo em tudo o que os rodeava, lançando-se nas chamas, o que era efeito de seu desespero (grifo nosso). Assim doze mil judeus pereceram, ao contrário muitos poucos romanos morreram; muitos porém ficaram feridos.²⁹

Partindo desse trecho podemos evidenciar o que compreendemos por resistência e onde ela pode ser vista nas palavras de Josefo. Primeiramente, é preciso destacar que a resistência é uma reação a uma ação ocorrida anteriormente, em outras palavras, é um ato reativo. Além disso, a resistência é uma das reações que existem nas relações culturais entre povos com identidades diferentes, como propôs Burke.³⁰ Nesse caso, seria uma espécie de defesa das fronteiras culturais contra o agressor externo. Não deixamos de lado as explicações do Dicionário de Sociologia de Fairchild, que considera a resistência como oposição persistente, reiterada e violenta contra a ordem estabelecida³¹. Por fim, devemos nos lembrar da tipificação de Said, que vê a resistência de dois modos: ideológico e físico.³²

²⁹ JOSEFO, F. Guerra dos Judeus contra os romanos, 5,31 In: **História dos Hebreus**. CPAD, 1995.

³⁰ Peter Burke trata de uma série de reações que emergem de culturas em contato. Não é nosso caso aqui tratar de todas, embora uma leitura das diversas formas de reações a cultura estrangeira é deveras importante para compreendermos melhor a idéia de resistência. A obra de Burke também é importante por mostrar que as reações podem ser positivas, e não apenas negativas, que é como pensamos a resistência, como uma oposição à cultura estrangeira. Para saber mais, ler: BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. UNISINOS, São Leopoldo, 2006.

³¹ FAIRCHILD, H.P.(ed.) **Dicionário de Sociologia**. Tradución y revisión de T. Muñoz, J. M. Echavaria y J. Calvo. Fondo de Cultura Económico; México, 1949.

³² As contribuições de Said são deveras interessantes, pois ele permite que vejamos que em todo processo de dominação imperial há dois lados, o invasor e o nativo. Logo, não há como estudarmos um processo imperialista sem

Assim, nos relatos de Josefo observamos dois atores, judeus e romanos. Enquanto esses atacavam aqueles reagiam, ofereciam resistência. Preferir o culto de Deus à própria vida é uma forma de resistência ideológica, conforme sugeriu Said, pois permite a manutenção da cultura judaica, que dá mostras de não se curvar perante às armas romanas. Como também os suicídios do alto do rochedo apresentam-se como formas de resistência à cultura romana, evidenciando sua preferência a morte a ter que assistir à profanação do Templo por um pagão.

Não é possível deixar de lado também o trecho em que Josefo fala em que os judeus põem fogo em tudo o que os rodeava, nesse exato instante a resistência deixa de ser meramente ideológica e passa a ser também física. E se os romanos já haviam obtido o controle da situação, pelo menos administrativamente, a resistência que os judeus impetravam era uma violência contra a ordem estabelecida, como propõe Fairchild.

Nesta breve análise podemos ver que a resistência oferecida pelos judeus aos romanos está de acordo com o que os teóricos acima mencionaram. Mas o termo resistência deve ser tratado no plural, afinal suas formas de manifestação na Judéia são diversas, das quais este trecho apresentado é só um exemplo.

A riqueza e a complexidade das relações entre romanos e judeus da Judéia são tamanhas que, na continuação do relato da conquista do Templo por Pompeu, podemos mudar o foco da análise sem que tenhamos que mudar de contexto. Passamos então a aplicação do conceito de Tolerância. Vejamos a passagem a seguir:

Pompeu lá entrou com os seus, o que era permitido somente ao Sumo Sacerdote, e eles viram o grande candelabro, as lâmpadas e a mesa de ouro, todos os vasos também de ouro, de que se serviam para as incensações, uma grande quantidade de perfumes mui preciosos e o dinheiro sagrado que perfazia o total de dois mil

dar o devido valor ao povo que habitava uma certa região antes e durante a conquista imperial pelo povo invasor. Para ver mais, ler: SAID, E. W. **Cultura e Imperialismo**. SP: Cia. das Letras, 1995.

*talentos. Pompeu não tocou em nenhuma de todas estas coisas nem no mais, consagrado ao serviço de Deus e no dia seguinte à tomada do Templo, ordenou aos que lhe tinham guarda, que o purificassem e oferecessem os sacrifícios costumeiros.*³³

Segundo Michael Walzer a palavra tolerância nos remete a uma coexistência pacífica entre povos com culturas diferentes, e seria vista, segundo o autor, em Impérios Multinacionais. O fato mais importante que se apreende dos estudos da tolerância em Impérios Multinacionais é que eles normalmente toleram grupos, suas autoridades e práticas, permitindo dessa forma que as identidades concentradas nesses grupos sejam reforçadas. Além disso, as comunidades que estão sob a égide do mesmo império têm de aceitar a sua diversidade cultural e saber lidar com a diferença. Dessa forma, Walzer vê o império multinacional, nas palavras dele, como um dos exemplos de coexistência pacífica, um local onde as alteridades se encontram, mas não necessariamente se agriDEM³⁴.

No trecho de Josefo podemos ver que Pompeu, mesmo após ter entrado no Templo em sua parte mais sagrada, o Santo dos Santos, e obter o controle do local, age de uma forma respeitosa para com a cultura judaica, uma vez que não toca em nada e permite que os “sacrifícios costumeiros” não deixem de ser feitos. Mas por que Pompeu agiu desse modo? Essa é uma pergunta que ainda não podemos responder, no estágio atual da pesquisa o máximo que podemos fazer é nos questionarmos se foi uma atitude de respeito à especificidade cultural judaica, visto que o Templo já estava tomado, e seu controle estabelecido, ou de uma percepção de incapacidade romana de extinguir a cultura contrastante.

Supor que Pompeu respeitou a cultura judaica é filiar-se a idéia de Gilvan Ventura de que: “o politeísmo é a forma religiosa que menos se presta

³³ JOSEFO, F. Guerra dos Judeus contra os romanos, 5,31 In: **História dos Hebreus**. CPAD, 1995.

³⁴ Michael Walzer coloca o Império Romano como um dos Impérios Multinacionais que prestaram-se a tolerância, contudo não concordamos com a terminologia utilizada pelo autor. O mais adequado, talvez, não fosse o uso do termo Multinacional, mas sim o de Multicultural, em virtude das diversas culturas que coabitavam o Império Pois o termo nacional, nos remete por vezes a idéia de Estado-Nação, que não é o caso do Império Romano. Para ver mais: WALZER, Michael. **Da Tolerância**. Tradução Almiro Pisetta – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

intolerância”³⁵. Das palavras acima podemos lançar a idéia de que o Império Romano, como império politeísta até Constantino, prestava-se como tolerante. Contudo, quando nos referimos ao caso dos judeus da Judéia vislumbramos que a tolerância dos romanos era intermitente, e sempre dividia espaço com períodos deveras conturbados de intolerância. Além disso, não é possível deixar de notar que os processos de romanização das províncias muitas vezes não pregavam o tal respeito à diferença que mencionamos acima.

Por outro lado, ver o ato condescendente de Pompeu como um reconhecimento de incapacidade dos romanos de extinguir a cultura judaica naquele instante é estar de acordo com a idéia de tolerância vista no Dicionário de Política de Bobbio, que diz que a tolerância é a “abstenção de hostilidades para quem professa idéias políticas, morais e religiosas julgadas censuráveis”³⁶. Ou seja, tolerância pressupõe uma liberdade cedida a quem age de forma censurável, contudo essa liberdade de ação seria algo permitido, suportado, uma concessão que poderia ser revogada a qualquer momento, uma vez que este respeito ao outro só ocorreria quando uma cultura não apresentasse os meios necessários para extinguir a cultura contrastante.³⁷ Assim, o que podemos dizer é que a tolerância surge, a princípio, como algo que vem de cima, de quem detém o poder, e é direcionada a quem a ele é submetido.

Quando o detentor do poder político ou territorial não respeita a diferença cultural podemos falar então que ele age de forma intolerante. Assim, será que a concessão supracitada pode ser vista como suspensa no ano de 132 de nossa era, quando o Imperador Adriano retira os judeus da Judéia? Talvez sim. Esse ato é tipicamente visto como intolerante, pois Adriano não seguiu nenhum dos preceitos elencados acima a respeito das características da tolerância. Pelo contrário, ele descartou a coexistência pacífica, e como

³⁵ VENTURA, G. Vertentes da intolerância religiosa no Império Romano: o caso dos Judeus. In: Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (5: 2003 Pelotas). **Fronteiras e etnicidade no mundo antigo**. [anais do] 5 Congresso Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e 13 Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 15 à 19 de Setembro de 2003./ Editores Chineme Khun Nobre, Fábio Vergara Cerqueira e Kátia Maria Paim Pozzer – Pelotas, 2003; Canoas, Ulbra: 2005

³⁶ ZANONE, V. Tolerância. In: BOBBIO, N; METTEUCCI, N. & PASQUINO, G. (orgs.). **Dicionário de Política**. Tradução: João Ferreira (org.). Editora UNB, Imprensa oficial. São Paulo, 2004

³⁷ Op.Cit.

obtinha o controle político da região, decidiu por retirar da Judéia o povo judeu. Em outras palavras, ele age de forma contrária a tolerância, por isso sua postura pode ser vista como intolerante.

A título de conclusão, devemos ressaltar que este artigo é um esboço do que a pesquisa da qual ele provém pretende estudar. Dessa forma ele mostra-se mais como um quadro de possibilidades de vertentes a serem caminhadas no longo estudo a respeito das dificuldades nas relações entre judeus e romanos na Judéia. Embora tenhamos analisado duas passagens de um relato do período, parece ficar claro que isso foi apenas a ponta do *iceberg*, e muito trabalho ainda há pela frente. Enfim, o que pretendemos deixar claro é que buscamos, com base nos conceitos de resistência, tolerância e intolerância compreender melhor o porquê do fracasso do processo de dominação imperial romana na Judéia dos séculos I a.C e II d.C.

Documentação:

JOSEFO, F. “Guerra dos Judeus contra os romanos” In: **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

Bibliografia:

Agra do Ó, Alarcon. **Edward Said: entre a crítica literária e a operação historiográfica**. Saeculum- Revista de História [12]; João Pessoa, jan./jun.2005

AURÉLIO, D.P. Tolerância/Intolerância. In: ROMANO, R. (dir). **Enciclopédia Einaudi** V.22. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda 1996, p.179-230.

AUGÉ, M. **O sentido dos outros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. UNISINOS, São Leopoldo, 2006.

FAIRCHILD, H.P.(ed.) **Diccionario de Sociologia**. Tradución y revisión de T. Muñoz, J. M. Echavaria y J. Calvo. Fondo de Cultura Econômico; México, 1949.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SAID, E. W. **Cultura e Imperialismo**. SP: Cia. das Letras, 1995.

SCOTT, J. **Formas Cotidianas de Resistência Camponesa**. Tradução: Marilda Aparecida de Menezes e Lemuel Guerra. Paraíba: Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/UFPB, 1999.

VENTURA, G. Vertentes da intolerancia religiosa no Império Romano: o caso dos Judeus. In: Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (5:2003 Pelotas). **Fronteiras e etnicidade no mundo antigo**. [anais do] 5 Congresso Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e 13 Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 15 à 19 de Setembro de 2003./ Editores Chineme Khun Nobre, Fábio Vergara Cerqueira e Kátia Maria Paim Pozzer – Pelotas, 2003; Canoas, Ulbra: 2005 p.167 – 177.

VEYNE. P. **O inventário das diferenças**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WALZER, Michael. **Da Tolerância**. Tradução Almiro Pisetta – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZANONE, V. Tolerância. In: BOBBIO, N; METTEUCCI, N. & PASQUINO, G. (orgs.). **Dicionário de Política**. Tradução: João Ferreira (org.). Editora UNB, Imprensa Oficial. São Paulo, 2004.